

1985 Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
97000 Petrópolis, RJ
Brasil

A OPINIÃO NO JORNALISMO BRASILEIRO

José Marques de Melo



Petrópolis
1985

3. COMENTÁRIO

Gênero só recentemente introduzido no Brasil, o comentário atendeu a uma exigência da mutação jornalística que se processou através da rapidez na divulgação das notícias (rádio e televisão). Informado rapidamente e resumidamente dos fatos que estão acontecendo, o cidadão sente-se desejoso de saber um pouco mais e quer orientar-se sobre o desenrolar das ocorrências.

Há muito tempo o comentário era cultivado no jornalismo norte-americano, onde se privilegiava certas figuras de relevo (oriundas da própria profissão), cujo espaço cultivado permitiu que se convertessem em *opinion-makers*.²⁷

O comentarista é geralmente um jornalista com grande experiência e tirocínio, que acompanha os fatos não apenas na sua aparência, mas possui dados sempre disponíveis ao cidadão comum. Trata-se de um observador privilegiado, que tem condições para descobrir certas tramas que envolvem os acontecimentos e oferecê-las à compreensão do público.

Quase sempre bem remunerado, o comentarista é um profissional que possui farta bagagem cultural, e portanto tem elementos para emitir *opiniões* e *valores* capazes de credibilidade. Atua assim como líder de opinião. Seus juízos e apreciações merecem respeito não só dos receptores, mas também dos personagens do mundo da notícia.

Contudo, o comentarista não é um julgador partidário, alguém que faz proselitismo ou doutrinação. É um analista que aprecia os fatos, estabelece conexões, sugere desdobramentos, mas procura manter, até onde é possível, um distanciamento das ocorrências. Isso não quer dizer que seja neutro. Ao contrário, trata-se de um profissional participante, que possui opinião própria, mas atua como agente da notícia e não

procura exercer sua função para extrair vantagens posteriores (cargos públicos/ascensão política).²⁸ Em síntese, assume-se como juiz da coisa pública. Orienta sem impor. Opina sem paixão. Conduz sem se alinhar.

O comentário surgiu como tentativa de quebrar o monopólio opinativo do editorial. Esse monopólio era consequência da unidade ideológica que possui o jornalismo pré-industrial. Mas, quando as instituições jornalísticas tomam caráter mercantil, seus dirigentes deparam-se com a inevitabilidade das concessões sociais. Concessões ao Estado, que mantém sua espada legal permanentemente afiada; concessões aos grupos econômicos, que controlam o fluxo financeiro através da compra de espaço/tempo para os anúncios; concessões à audiência, da qual dependem para justificar os próprios investimentos publicitários. Por isso, tornou-se incômodo manter o monopólio opinativo que expressava, através do editorial, o ponto de vista das forças diretamente responsáveis pelo funcionamento da empresa jornalística.

Desta forma, o comentário emerge como gênero definido, realizando uma apreciação valorativa de determinados fatos. A ótica utilizada não é necessariamente a da empresa. Abre-se oportunidade para que o jornalista competente possa emitir suas próprias opiniões, responsabilizando-se naturalmente por elas.

Enquanto o editorial se adstringe à emissão de opiniões sobre os fatos de maior importância, o comentário cumpre a tarefa de examinar fatos também significativos, mas de menor abrangência, com independência em relação à linha editorial.

A vigência do comentário é uma função da projeção do comentarista. Criando vínculos com os receptores, o comentarista torna-se um ponto de referência permanente. Suas avaliações da conjuntura são buscadas porque o cidadão quer saber como comportar-se diante dos acontecimentos, reforçando seus pontos de vista ou procurando conhecer novos prismas para entender a cena cotidiana.

Os grandes mitos do jornalismo norte-americano como Walter Lippmann²⁹ ou James Reston³⁰ firmam-se no panorama político através do comentário. O mesmo pode-se dizer, no Brasil, de Newton Carlos ou Paulo Francis.

O surgimento do comentário no jornalismo brasileiro afigura-se como espaço propício para a expressão opinativa dos seus profissionais. As oportunidades para a manifestação de opinião em nossos veículos jornalísticos sempre estiveram acessíveis aos grandes intelectuais ou aos repórteres destacados. Nunca aos redatores que demonstravam potencialidades de análise e de previsão dos acontecimentos. Aos que revelavam tendências dessa natureza restava a chance de produzir editoriais na medida em que merecessem a confiabilidade da empresa.

Com exceção dos repórteres de «faro» que descobriam fatos sensacionais e mobilizavam o interesse do público, o jornalismo brasileiro sempre foi avaro em projetar grandes nomes. Uma das raridades é Assis Chateaubriand, que praticou intensamente o comentário já na década de 50, mas isso se explica pelo fato de ser ele o proprietário dos jornais em que escrevia.³¹

É em meados da década de 60 que a imprensa brasileira passa por um período de «modernização». Além de incorporar as novas conquistas tecnológicas, absorve também alguns dos padrões do jornalismo norte-americano, entre os quais o tipo de unidade redacional assinada por um jornalista competente que se torna, pouco a pouco, personalidade pública pelas opiniões que emite.

Essa revolução começa com *Última Hora*, jornal criado por Samuel Wainer, no Rio de Janeiro, que se transformaria em cadeia nacional. Profissionais categorizados são chamados a atuar como observadores do cenário noticioso e transmitir suas impressões aos leitores.³² O padrão seria acompanhado pelas grandes empresas — JB, Estadão, Folha de S. Paulo, Abril. Comentaristas como Carlos Castelo Branco, Carlos Chagas, Newton Carlos, Alberto Dines, Josué Guimarães, Mino Carta etc. despontam como exegetas do transitório, como captadores do sentido que entrelaça cada faceta do movimento da sociedade.

O que é o comentário? Martínez Albertos³³ diz que é um «editorial assinado». Eugênio Castelli³⁴ o identifica como gênero intermediário entre o editorial e a crônica, porque utiliza o método expositivo do editorial, mas introduz a ironia e o humor da crônica.

Na verdade o comentário tem sua própria especificidade enquanto estrutura narrativa do cotidiano. Trata-se de um gênero que mantém vinculação estreita com a atualidade, sendo produzido em cima dos fatos que estão ocorrendo. Vem junto com a própria notícia. Por isso é difícil de ser realizado, exigindo muita argúcia no sentido de evitar prognósticos não confirmáveis.

Tem razão Martínez Albertos quando diz que o comentário é o «vaticínio mais ou menos profético do posterior desenvolvimento dos fatos». Para tanto, o comentarista precisa ser muito bem informado de modo a julgar os acontecimentos com rapidez e prever seus desdobramentos.³⁵

O comentário explica as notícias, seu alcance, suas circunstâncias, suas consequências. Nem sempre o comentarista emite uma opinião explícita. Seu julgamento é percebido pelo raciocínio que utiliza, pelos rumos da sua argumentação.

Uma característica inerente ao comentário é a sua continuidade. Uma matéria que contém apreciação sobre um fato articula-se neces-

sariamente com as que a antecederam e com as que virão. Pois o ofício do comentarista é justamente estabelecer o nexo que liga os fatos. E estes só adquirem sentido no tempo. Uma versão apresentada hoje pode sofrer alteração amanhã, de acordo com as tendências da realidade. Compete ao comentarista perceber essas mutações e ajudar o seu público a entendê-las.

Quando um conjunto de comentários é reunido em livro anos depois da sua publicação, como o fez Carlos Castelo Branco³⁶ com as visões do movimento militar de 1964, pode-se observar com nitidez essa transitoriedade de cada texto. Todavia, a leitura continuada assegura a compreensão do todo, a partir sempre do roteiro corretivo que o comentarista tem necessidade de fazer. Cada comentário do presente pode ser capítulo da história que se faz.

Referindo-se, por exemplo, a Newton Carlos cujos comentários rotula indevidamente como «crônicas», o jornalista Márcio Cavalheiro, na resenha «Grotasca América» (*Jornal do Brasil*, 26-08-1979), apreende essa dimensão histórica (daí talvez o emprego das palavras «crônica», «cronista», que correspondem a «registro para a história», «historiador do presente») das matérias que integram o volume *América Latina: dois pontos* (Rio de Janeiro, Codecri, 1978). — «Escritas muitas vezes diante do próprio cenário em que se desenrolam os fatos, essas crônicas, em seu conjunto, acabam por formar um painel expressivo da sombria realidade deste pedaço de mundo... (...) ... Newton Carlos pouco argumenta em favor dos seus pontos de vista. Joga os fatos na mesa e deixa que eles falem por si próprios. E para que falem com maior eloquência, o autor recorre às justaposições, aos símiles, às metáforas, à iluminação restrita do palco, mostrando apenas o personagem que conduz à ação».

A angulação do comentário é o imediato. Ver e perceber o que transcende a aparência constitui seu maior desafio. Exige uma permanente sintonização do jornalista que pratica esse gênero com suas fontes de informação.

Sua técnica de realização é mais livre que a do editorial. Estrutura-se em duas partes: a) síntese do fato e enunciação do seu significado; b) argumentação que sugere o seu julgamento.

Raramente o comentário é conclusivo. Arriscar uma conclusão é perigoso, já que se torna exíguo o tempo que tem o comentarista entre a ocorrência e a sua apreciação. As conclusões vão emergindo naturalmente como consequência dos julgamentos anteriores.

Por sua própria natureza, o comentário exige especialização. Não há comentarista de assuntos gerais. Cada jornalista acumula experiência e conhecimento num setor (política, economia, esportes) e se dedica

a discernir a evolução do que acontece. Comentar é uma tarefa que pressupõe ancoragem informativa e perspectiva histórica. Sem dispor de dados concretos e de referencial analítico, o comentário corre o perigo de cair no vazio e fraudar o receptor. Afinal de contas, quem recorre ao comentário quer dispor de uma bússola para entender a contemporaneidade.

Castelli identifica três espécies de comentários: 1) Análise de um problema (cujo estilo é similar ao editorial, manejando dados eruditos e imprimindo certa subjetividade, mas agregando traços de humor e ironia); 2) Documentação de um fato (utiliza o estilo do relatório, valendo-se muitas vezes dos recursos da reportagem, sem excluir porém a formulação de juízos pessoais provenientes da observação direta); 3) Crítica de uma situação (apreciação pessoal, realçando a natureza da situação analisada, mas antecipando as possibilidades de solução).

O comentário ainda não teve o seu diagnóstico feito com precisão no jornalismo brasileiro. Historicamente ele surge na década de 50, principalmente com a expansão da televisão, e atinge um período de fulgor na primeira metade da década de 60. Mas como comentar é uma atividade jornalística que não pode prescindir de liberdade, no duplo sentido de expressar pontos de vista e de apreender o que ocorre no cenário os acontecimentos, observa-se um declínio após o golpe de 1964. Além da censura que se estabelece nos processos de difusão, com maior ou menor intensidade, verifica-se também o fechamento das fontes de informação. Um dos traços dos governos militares foi a circunscrição das decisões políticas aos reservados gabinetes das figuras de projeção e o certo ar de mistério que cercou o palco da notícia. Muitas medidas de grande repercussão no campo político ou econômico passaram a ser anunciadas de surpresa, pegando a opinião pública desprevenida.

As pesquisadoras Scavone, Belloni e Garbayo³⁷, que estudaram o noticiário político brasileiro, na década de 60, em jornais cariocas, registraram essa mudança radical que ocorre no comportamento informativo da grande imprensa, antes e depois de 1964.

É natural portanto que os comentaristas tenham encontrado inibição para o exercício do seu trabalho. Alguns importantes jornalistas, que se dedicaram ao comentário na cadeia *Última Hora* e também em outros jornais, praticamente desapareceram da vida nacional, cassados, acuados ou amedrontados. Outros tiveram seu espaço de atuação restringido pelas próprias empresas jornalísticas, temerosas de desagradar os novos donos do poder.

Figuram solitariamente como cultores desse gênero personalidades como Carlos Castelo Branco (*Jornal do Brasil*) ou Carlos Chagas (*O Estado de S. Paulo*), além de Newton Carlos, dedicado ao comentário de assuntos internacionais.